

QUEM FOI QUE PARIU O DIABO?: UMA NARRATIVA SOBRE A CONSTRUÇÃO DO MAL CRISTÃO

Data de submissão: 08/03/2024

Data de aceite: 01/04/2024

Maria Gabriela Moreira

Universidade Estadual de Maringá
Maringá - PR
<https://lattes.cnpq.br/3024167399065940>

Augusto Agostini Tonelli

Faculdade Unicesumar
Maringá - PR
<http://lattes.cnpq.br/0462031620763859>

WHO GAVE BIRTH TO THE DEVIL?: A NARRATIVE ON THE CONSTRUCTION OF CHRISTIAN EVIL

ABSTRACT: Through discussion and bibliographical convergence, we sought to present a synthesis of certain factors and different constructions that contributed to the formation of the Devil portrayed at the end of the 14th and 15th centuries, described as the one who corrupts humanity through perverse actions, influencing it through his legion of demons. The construction of this diabolical imagery is still very solid today, raising questions about its conception and origins. The end of the Middle Ages as a whole, was crucial for the transformation of the figure of the Devil, especially in relation to his influence on society. Therefore, in this text, we will look at some narratives regarding the construction of Christian evil.

KEYWORDS: Devil - Christian imagination - Middle Ages

O cristianismo desempenhou um papel proeminente na formação do Ocidente; portanto, a persistência dessa religião implica na contínua existência

RESUMO: Buscou-se, através da discussão e convergência bibliográfica, apresentar uma síntese de determinados fatores e diferentes construções que contribuíram na formação do Diabo retratado no final dos séculos XIV e XV, descrito como aquele que corrompe a humanidade por meio de ações perversas, influenciando-a por intermédio de sua legião de demônios. A construção desse imaginário diabólico chega, bastante sólido, nos dias atuais, levantando questões quanto à sua concepção e origens. O final da Idade Média como um todo foi crucial para a transformação da figura do Diabo, especialmente em relação à sua influência na sociedade. Portanto, nesse texto, abordaremos algumas narrativas quanto à construção do mal cristão.

PALAVRAS-CHAVE: Diabo - Imaginário cristão - Idade Média

do Diabo, a personificação do mal no universo cristão, representando uma ameaça para aqueles que buscam a salvação. No entanto, a concepção sólida do Diabo, tal como é conhecida no cristianismo hoje, assim como a própria religião, desenvolveu-se ao longo dos séculos. Observamos um impacto significativo dessa figura maligna no final da Idade Média, alcançando seu ápice nos reconhecidos manuais inquisitoriais e na própria Inquisição. Todavia, essa representação diabólica não surgiu em um espaço curto de tempo, pelo contrário, os diversos aspectos que foram atribuídos ao Diabo e toda crença que se concebeu ao entorno deste se situam na longa duração da História.

Jacques Le Goff declara que “o Diabo é uma criação do cristianismo, singularmente desenvolvida na primeira Idade Média” (Le Goff, 2005, p.195). Nesse primeiro período da época medieval, o Diabo era predominantemente tratado como Lúcifer, um anjo que desejou se igualar a Deus e acabou “caindo” dos céus. A composição dessa narrativa localiza Satã como alguém inferior a Deus, para não deixar dúvidas de que só há um grande Senhor Todo Poderoso entre os seguidores dessa religião, minando o dualismo ou maniqueísmo que pudesse vir a suceder-se. “A construção de Lúcifer, o anjo rebelde, veio muito a calhar para tentar dar resolução à contradição” (Lima, 2018, p. 189). Ou seja, estaria o Diabo submisso à vontade divina? Nessa perspectiva, Deus seria, indiretamente, o criador do mal, e era necessário estabelecer uma total separação da figura divina à figura do maligno. Logo, a exclusividade de toda perversidade passa à Lúcifer, sendo este o outro lado da contradição. Portanto, quando este anjo específico peca e é banido dos céus, de acordo com a cosmogonia cristã, Lúcifer torna-se o senhor dos demônios e age em oposição a Deus. Pelo livre arbítrio garantido por Deus às suas criaturas, o Diabo também recebe a mesma condição independente, o que livra Deus da dualidade do bem e do mal. Perdendo seu caráter colérico, o Deus cristão adota o bem como premissa máxima (Lima, 2018).

Considerando as palavras de Le Goff (2005) de que a primeira Idade Média produziu o Diabo, adiciona-se à narrativa discutida acima do anjo caído, Lúcifer, uma criatura submissa a Deus. Assim, no imaginário cristão do alto medievo, surge uma visão mais branda do Diabo, tanto pela cultura popular quanto por grande parte das autoridades religiosas medievais, como um ser fracassado (Souza; Abumanssur; Júnior, 2019). Impotente para desafiar Deus e inapto para ludibriar o ser humano na Alta Idade Média, somente após o século XIII que Satã vai ganhando refinamento e contornos mais claros na qualidade de agente do mal, infiltrado na sociedade religiosa para levá-la ao pecado, resultando no inferno. Ou seja, o céu deixa de ser uma garantia, e o inferno se torna uma realidade “mais palpável”.

Até o século XIII, as figuras demoníacas não representavam um grande problema, havia uma segurança em relação ao mal, e um nome santo proferido ou um sinal da cruz eram considerados suficientes como formas de proteção. Isso começa a mudar no final do século XIII, quando teólogos e juristas passam a afirmar a eficácia do poder demoníaco sobre o mundo natural e a possibilidade de conspirações entre os anjos caídos e os seres

humanos, conforme afirmado por Boureau (2016). O autor sustenta que a obsessão pelo Diabo emergiu subitamente entre 1280 e 1330, coincidindo com um período de tensão entre o poder secular e o espiritual, bem como entre as monarquias e o papado de Avignon. Essa obsessão teria surgido da interação e atualização da possessão e do pacto com o Diabo, que não é mal visto por ser um pacto, mas sim por ser feito com Satã, uma vez que isso legitimaria seu poder e influência sobre este mundo (Lima, 2018, p. 63). O pacto satânico tornou-se altamente perigoso por razões políticas e teológicas e o medo da insurgência de complôs e conjurações preocupava governantes, leigos e religiosos. Somado a isso, a escolástica faz uma intensa reflexão sobre a relação do homem com Deus e com o Diabo e explora as forças e as fraquezas da natureza humana, consumando que naquele momento o homem estava mais propenso à ação do Diabo, pois “[...] diminuindo a necessidade da mediação sacerdotal, teve por consequência enfraquecer o poder protetor da Igreja e de deixar o indivíduo nu diante do sobrenatural” (Boureau, 2016, p. 20).

Quando o pacto com o Demônio se torna uma condição generalizada da sociedade medieval, solidifica a percepção da existência do “outro”, do “inverso”, portanto, “[...] o incremento de sua ameaça ultrapassa o âmbito metafórico” (Lima, 2016, p. 63). Agora, temos um indivíduo exposto ao sobrenatural, uma vez que o Diabo abandonou as sombras e o submundo para se manifestar no cotidiano de homens e mulheres. Este é um cenário de mudança, pois o Inferno, antes reservado aos outros, aos pagãos e infiéis, deixa de ser garantido aos cristãos. A salvação passa a ser, de forma lenta e gradual, uma conquista particular. Não mais os seguidores dessa religião encontram-se respaldados por uma concepção de salvação coletiva; agora, os indivíduos são considerados corrompíveis, e a luta do bem versus mal também se desenrola na esfera da individualidade.

Nos últimos séculos da Idade Média iniciam-se as tentativas de engendrar bulas com a finalidade de incluir a ligação com o Diabo como um feito herético, seja devido ao culto, possessão, pacto ou uma simples aproximação ideológica. O período do papado de João XXII em Avignon, atual França, lançou em 1320 uma consulta a dez teólogos e canonistas sobre a qualificação como heresia das invocações de demônios e das práticas mágicas. “A revolução doutrinal lançada pelo papa consistia em tratar atos, fatos como heréticos, contra uma tradição antiga e contínua da Igreja que apresentava a heresia como opinião.” (Boureau, 2016, p. 40). A intenção do papa com a consulta era angariar argumentos para formar uma bula da qual poderia utilizar para condenar novas formas de heresia, inclusive a da relação com o Diabo.

Um dos principais fatores que contribuíram para o sucesso do Diabo como a origem do mal foi a sua versatilidade. Além dos diferentes nomes que recebeu ao longo do tempo, ele também assumia diversas formas, qualquer pessoa ou grupo, independentemente da origem social, poderia ser possuído, e até mesmo animais e plantas eram passíveis de encarnar ou manifestar a ação demoníaca. Seja qual for o ser, o mesmo poderia potencialmente apresentar algum sinal demoníaco. Nogueira (2000) descreve as variadas

formas em que Satã era representado, passando desde a forma de homens e mulheres até animais como touro, gato e cavalo. Havia também formas mescladas de animais com humanos que eram utilizadas para ressaltar a monstruosidade do Diabo.

No fim do século XV, a “tendência monstrificante” aumenta, criaturas que na origem não tinham caráter monstruoso bem marcado são progressivamente contaminadas, sendo o Diabo o melhor exemplo disso, com seus mais variados moldes monstruosos. Claude-Claire Kappler (1994) ilustrou um gradual avanço do monstruoso para o diabólico no fim da Idade Média, registrando uma entrada entusiástica do monstro na vida e na arte, na religião e na teologia. Vemos nascer uma tríplice consagrada na história da Idade Média: o diabo, a mulher e o monstro, esses “se encontram e passam a constituir, sozinhos ou aos pares, um corpo poderosíssimo” (Kappler, 1994, p. 349). A sexualidade pecaminosa, na Idade Média, é atribuída à figura feminina, conforme determina a mesma autora. Ela ainda questiona por que a mulher foi escolhida para expressar todo o medo em relação a sexualidade, e a resposta é honesta, apesar de simplista: em uma sociedade em que os homens eram os escritores, os pensadores e os formuladores, o medo recaiu sobre uma única parte.

Em meio a demônios dotados de poderes sobrenaturais, conspirações e grupos heréticos que ameaçavam o cristianismo, começa a projetar-se entre o fim do século XII e início do XIV uma ciência dos demônios, conhecida como demonologia e tendo sua construção na esfera escolástica. Cada vez mais os teólogos e canonistas discutiam sobre o Diabo e seus poderes sobre os homens. Essa antropologia escolástica significava o entendimento de novas formas de se pensar os homens, incluindo a preocupação das relações dos humanos com o sobrenatural e com o mundo natural, trazendo à tona um sujeito multifacetado, mais predisposto às ações sobrenaturais e que conseguiria atuar sobre os homens.

Alain Boureau (2016) apresenta o embate de duas “antropologias” presentes no âmbito da escolástica no auge da gênese da demonologia. De um lado o teólogo dominicano Tomás de Aquino e do outro o teólogo franciscano Pedro de João Olívio. Enquanto Tomás de Aquino acreditava que os poderes de Satã ficavam retidos no mundo natural e não atingiam sobrenaturalmente os homens, Pedro de João Olívio tinha a concepção de um Satã atribuído de poderes sobrenaturais. “Inversamente em relação ao anjo de Tomás, o anjo de Pedro Olívio é muito mais próximo do homem que de Deus” (Boureau, 2016 p. 125). Para Tomás de Aquino a superioridade de um anjo ou de um demônio residia em seu intelecto superior, ao passo que segundo Pedro Olívio toda criatura é dependente. “É por isso que os anjos e os demônios são muito mais próximos do homem que de Deus, ao passo que, para Tomás, a perfeição intelectual do anjo o coloca mais perto de Deus que do homem” (Boureau, 2016, p. 134).

Todo esse esforço da escolástica para tentar explicar a ação demoníaca estava diretamente ligado à tentativa de concretizar uma narrativa e deslegitimar adversários políticos. Boureau (2016) descreve como a demonologia se desenvolveu teologicamente nos fins do século XIII e foi usada para dar base à associação entre magia, demônio e

heresia. Como exemplificado anteriormente, é sobretudo no início do século XIII, no pontificado de João XXII, que as novas abordagens em relação ao Diabo têm um grande destaque. Essa busca pela definição das relações com o Diabo como heresia procurava abrir vias para procedimentos de inquéritos e repressão dos tribunais inquisitoriais, com o intuito de perseguir os adversários que, a partir disso, seriam considerados hereges.

No final do período medieval, observa-se a formação de uma “contra sociedade” satânica, pois de acordo com Eduardo Leote Lima o caminho construído pelo Diabo estava seduzindo muitos fieis, “sendo capitaneada pelo próprio Satã e tendo nos hereges e bruxas seus principais agentes, a percepção da existência de uma contra-sociedade aprofundou a lógica do inimigo interno [...]” (Lima, 2018, p.45). Os leprosos e judeus foram acusados de atentarem contra a cristandade antes dos próprios hereges e bruxas, ainda sim, a partir de 1348, o ano que a Peste Bubônica voltou a atacar violentamente a Europa Ocidental, as narrativas de fim dos tempos narradas em textos apocalípticos impactaram fortemente o imaginário da época.

Diferente dos judeus ou muçulmanos que não pertenciam a Igreja Católica, os novos protagonistas dentro da conspiração diabólica, como são chamados por Lima, tanto os hereges quanto as bruxas são peças internas do cristianismo, o que tornava a gravidade da situação ainda maior, além de representar “[...] um processo de construção de identidades e de uniformização ideológica que foi fundamental dentro das transformações pelo qual a cristandade passava durante o período e que a dotariam das condições para se espalhar pelo mundo” (Lima, 2018, p. 49). Esta é uma conjuntura de transformação, a Igreja encontrava-se fragmentada, as heresias se disseminavam, a feitiçaria tornava-se uma inquietação em expansão, a Reforma questionava a autoridade da instituição, os infortúnios da peste, fome e guerra assolavam a cristandade, logo, o corpo cristão concebeu uma conspiração genuína em sua indignação para identificar responsáveis pela realidade que os afligia (Lima, 2018, p. 48).

Em suma, a representação de um Diabo mais ativo e engenhoso é efeito dessa sociedade atingida por acontecimentos e transformações no seio da Baixa Idade Média, tanto a peste negra, quanto a grande crise de fome no século XIV e as grandes navegações no século seguinte, fomentaram uma nova noção para o mal. “Imputar a uma figura reconhecível e identificável a série de acontecimentos que assolavam a cristandade do final do período medieval tornava possível combatê-los, ao atacar sua origem” (Lima, 2018, p. 73). Não à toa, o início da modernidade na Europa Ocidental é marcado por um terrível medo do Diabo e do inferno, visto que ele já se apresentava como um rival à altura do Deus cristão, “ora, o Mal era tão presente no mundo que, automaticamente, a figura responsável por ele seria dotada de tamanho poder que poderia rivalizar com a própria figura Divina” (Lima, 2018, p. 84).

REFERÊNCIAS

BOUREAU, Alain. **Satã Herético: O nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LIMA, Eduardo Leote. **Personificando o mal: analisando a representação do demônio em manuais de inquisição dos séculos XIV e XV**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: Edusc, 2000.

SOUZA, André Ricardo de; ABUMANSUR, Edin Sued; JÚNIOR, Jorge Leite. Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais. **Horizontes Antropológicos** [Online], Porto Alegre, n. 53, p. 385-410. Disponível em: <http://journals.openedition.org/horizontes/3044>. Acesso em: 15 novembro 2023.